

Léxico regional e alfabetização: Um estudo da “Cartilha *Poronga*”

APARECIDA NEGRI ISQUERDO
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Tomando como referência as relações língua/cultura e as contribuições teóricas fornecidas pela Sociolinguística e pela Etnolinguística ao ensino de língua, este trabalho apresenta resultados de um estudo efetivado acerca do possível aproveitamento de um léxico regional na elaboração de um material de alfabetização. Analisamos a **Cartilha *Poronga***, material elaborado pelo Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA) – uma entidade de apoio ao movimento dos seringueiros nos Vales do Acre e Purus, principalmente no município de Xapuri – e destinado à alfabetização do seringueiro do Estado do Acre¹. Trata-se de um material didático utilizado nas denominadas *escolas da mata*, espécies de “escolas” não formais, localizadas no interior da floresta, que foram criadas com o objetivo de iniciar o habitante da mata no processo de aprendizagem da leitura e da escrita e nos fundamentos básicos da matemática. Inicialmente eram voltadas para a alfabetização de seringueiros adultos; nos dias atuais essas “escolas” estão englobando também a alfabetização de crianças. Sublinhe-se, ainda, que a proposta pedagógica do CTA prevê o ensino das demais áreas de conhecimento a partir das atividades de leitura e de escrita.

Ao analisarmos esse material objetivamos verificar em que proporção o léxico e a cultura regional foram valorizados pelos idealizadores da Cartilha. Vale ressaltar que não pretendemos proceder aqui à análise exaustiva dessa Cartilha, interessa-nos, tão somente, destacar aspectos que evidenciem a preocupação de valorizar a “cor local” como recurso de alfabetização.

É fato aceite o princípio de que, para diferentes realidades, existem diferentes recortes culturais e, conseqüentemente, diferentes formas de representar simbolicamente a realidade através da língua. É o nível lexical o que mais revela a história

cultural do grupo, por isso através do estudo do léxico podemos nos inteirar do modo de ser e de viver de um grupo sócio-lingüístico-cultural. É o léxico, portanto, o elemento mais concreto e dinâmico da língua e aquele mais passível de mudanças por pressões de forças extralingüísticas. Em razão disso, todo estudo do léxico ultrapassa o nível puramente lingüístico.

O léxico do seringueiro, por exemplo, reflete tanto o seu *habitat* natural como o seu mundo de trabalho, de lutas, de expectativas de vida. Logo, para compreender sua forma peculiar de expressão lingüística faz-se mister o conhecimento prévio de aspectos de sua realidade cotidiana. A **Cartilha Poronga**, na medida em que se constitui um material destinado à alfabetização de adultos, procura recuperar aspectos da realidade física e cultural dessa categoria de trabalhadores.

Visando a uma melhor distribuição didática, selecionamos alguns aspectos a serem focalizados no decorrer da análise, a saber: título, temática e estruturação e a questão da variação e do aproveitamento do léxico regional.

1. Título

A Cartilha recebe o nome de **Poronga** – espécie de lamparina que os seringueiros da Amazônia prendem à cabeça para clarear a estrada, nos serviços noturnos de coleta do látex. Com a *poronga* presa à cabeça as mãos permanecem livres para a faina.² Justamente por nomear um referente do cotidiano do homem da mata, a unidade lexical **poronga** é de grande uso entre os seringueiros, uma vez que o objeto por ela designado é utilizado tanto como um utensílio indispensável para o trabalho de coleta do látex quanto como um objeto de iluminação utilizado em qualquer caminhada noturna. Percebemos o caráter metafórico do título que, por analogia ao sentido original do termo, sugere a iluminação das idéias, o "clarear dos caminhos" pela luz do saber. A julgar pelo título da Cartilha (e também pela temática utilizada e pelos diferentes tipos de atividades propostas que analisaremos a seguir), podemos inferir que a equipe que elaborou o material teve a preocupação de aliar a experiência de vida do seringueiro às atividades de leitura e de escrita. Trata-se, na verdade, da *leitura de mundo precedendo a leitura da palavra*, na visão de Paulo Freire.

2. Temática e estruturação

No que se refere à estruturação, podemos observar que as autoras obedeceram à linha metodológica que orienta o método de alfabetização proposto por Paulo Freire³ que prevê a organização do material de alfabetização a partir de palavras que reflitam os problemas concretos vividos cotidianamente pelo alfabetizando em sua realidade sócio-cultural. No caso da **Cartilha Poronga**, ela é estruturada a partir de temas e de palavras geradoras que traduzem as experiências e as expectativas de vida do seringueiro acreano (vide anexo I)⁴.

Observando-se a distribuição dos temas e das palavras geradoras que integram a estrutura da Cartilha, podemos perceber que houve, por parte das autoras, a preocupação de apresentar, gradativamente nos textos, uma temática aliada ao dia-a-dia do seringueiro. Inicia-se trabalhando a idéia de *luta* a partir do tema **Chico Mendes** – líder sindical que é tido como exemplo de idealismo e como mártir na luta pela preservação da floresta – passando-se, a seguir, ao tema **Mundo da Natureza**, o *habitat* natural do homem da floresta, onde são trabalhadas as lições introduzidas pelas unidades lexicais *paca e mata*, dois referentes muito próximos do seringueiro. O tema **Comunidade** aparece na seqüência onde são incluídas lexias como *morada, jirau, rede, forró, escola*. Do tema comunidade vai-se para o tema **Trabalho** que resume aspectos cruciais e ao mesmo tempo conflitantes da vida do seringueiro. Acopladas a esse tema surgem as lições *barracão, roçado, criação, borracha e castanha* que sintetizam fatores básicos da economia do grupo. Em função do regime de trabalho escravizado, desumano, exploratório a que são submetidos esses trabalhadores⁵ surgiu entre eles, nos últimos anos, um processo de politização, o que tem gerado, no interior dos seringais⁶, um espírito de **Organização e Luta** – tema apresentado após trabalho e que engloba as lições organizadas em torno das palavras geradoras *sindicato, empate, cooperativa e reserva extrativista* que explicitam aspectos do posicionamento político dessa categoria de trabalhadores. Nota-se que essa luta não é gratuita e almeja objetivos mais amplos, atingíveis a longo prazo, que são resumidos nos dois últimos temas geradores, respectivamente: **Projeto de Vida e Conservação da Mata**. O primeiro, apresentando a lição *seringueiro* e o segundo, a *Amazônia*. Percebe-se, pois, uma progressão na temática dos textos de modo a englobar, nas atividades de leitura, problemas e expectativas reais da população-alvo.

A forma como foi estruturada a **Cartilha Poronga** – temática e demais atividades de leitura – incorpora o conceito de leitura que ultrapassa o nível de decodificação de letras, de sílabas e de palavras, ou seja, a leitura entendida como "um processo criativo, ativo, no qual o indivíduo joga todo seu conhecimento anterior para, colhendo novas informações e/ou novos enfoques ou visões do mundo, reestruturar sua própria cosmovisão". (Scliar - Cabral, 1987: 129)

3. A questão da variação e do aproveitamento do léxico regional

Observando-se a forma de estruturação da Cartilha, constata-se que houve a preocupação de valorizar a variedade lingüística do grupo sem descuidar, no entanto, da ampliação do universo lingüístico do aluno, através de incursões do registro formal e culto nas diferentes atividades de leitura. As palavras geradoras das lições, por exemplo, são específicas do ambiente de vida e de trabalho do seringueiro e aparecem inseridas em textos que abordam questões concernentes a esse mesmo ambiente.

Nas atividades referentes às primeiras lições, por exemplo, há o predomínio de itens lexicais relacionados com o *habitat* físico e sócio-cultural do seringueiro: *mata, seringa, seringal, seringueiro, cururu, jiquitaia, maracajá, jamaru, igarapé, roçado, tapiri, colocação, barracão, horracha, castanha...* Essa predominância já não ocorre nas últimas lições onde são inseridas palavras de uso genérico, em sua maioria aquelas que possuem um significado político muito específico da realidade do grupo: *sindicato, empate, cooperativa, Reserva Extrativista, organização, luta*. É importante registrar, também, que, mesmo nas lições onde há grande incidência de termos não específicos da região, como acontece nas introduzidas pelas palavras **saúde** e **tosse**, aparecem atividades que remetem à realidade local e que dão margem ao aluno para demonstrar seu saber acerca da temática abordada, o que lhe oportuniza fazer uso do seu próprio dialeto. É o que ocorre, por exemplo, com atividades do tipo: *faça no seu caderno uma lista de remédios caseiros que você conhece e explique para que servem* (p.26) e *faça uma lista das doenças mais comuns no seringal. Descreva uma delas para seus colegas, indicando a forma de tratamento mais comum no seringal* (p. 31).

A natureza dos textos de leitura também espelha a valorização da linguagem regional e da variedade lingüística do aluno. Observa-se uma mudança gradativa no nível dos textos (estruturação, temática, vocabulário utilizado), na medida em que são apresentados. Nas primeiras lições percebe-se a presença predominante de textos orais escritos – em sua maioria produzidos por monitores/seringueiros,⁷ ou baseados em narrativas e/ou em entrevistas com alunos-seringueiros –, o que não ocorre com os textos das últimas lições que já são mais elaborados e, embora ainda conservem um vocabulário acessível ao grupo, são mais densos em termos de conteúdo e já apresentam marcas próprias do texto escrito. Esses últimos textos ou são de autoria de líderes sindicais ou aparecem sem a explicitação dos autores, o que nos leva a crer terem sido escritos pelas próprias autoras da Cartilha.

Outro aspecto a se considerar é a forma como o léxico regional foi incorporado na elaboração do material de alfabetização. Percebemos, através do léxico utilizado, aspectos do recorte que essa parcela da população brasileira faz da realidade e a forma como representa simbolicamente o mundo. Um exemplo significativo do que acabamos de argumentar é a presença de diferentes significantes para nomear a árvore **palmeira**:

Açaf: Do tupi yasa'i. Bras.: "Palmeira de cujos frutos se faz uma espécie de refresco, muito apreciado." (Aurélio Buarque de Holanda).

Aricuri: Do tupi ariku'ri. Bras.: "Planta da família das palmeiras, de drupas comestíveis, cuja medula fornece féculas e cuja semente fornece óleo alimentar." (Aurélio Buarque de Holanda).

Jarina: Do tupi ya'rina. Bras. "Palmeira baixa e de estipe grosso, da Amaz., de flores odoríferas, e de cujas sementes, grandes e extremamente duras, se confeccionam botões." (Aurélio Buarque de Holanda).

Murmuru: Esse tipo de palmeira que é referenciado pelas autoras da Cartilha, ainda não se encontra registrado por Aurélio Buarque de Holanda.

Paxiúba: Do tupi pati'iwa. Bras. Amaz.: "Palmeira habitante dos igapós e que mede entre 10 a 15 m de altura. O estipe é sustentado por um pedestal de raízes aéreas tão ásperas e duras que servem de ralo, e a madeira é escura e fibrosa." (Aurélio Buarque de Holanda).

Na verdade, o que acontece com o referente **palmeira** se repete em muitas outras situações. Isto porque as características da região exigem formas específicas de nomeação da realidade. O homem da floresta necessita, por exemplo, representar cada tipo de palmeira de forma distinta porque cada uma tem, para ele, um tipo especial de utilidade. Tal fato fica evidente, entre outros, no texto: *a jarina é um tipo de palha que o seringueiro usa para cobrir a sua casa. É a palha preferida pelo seringueiro. Na mata existem muitos tipos de palha como a palha da jarina, do oricuri, do murmuru. Mas, normalmente, o seringueiro usa mais palha de jarina porque a casa fica mais bem coberta, mais segura, mais bonita. A palha de oricuri também serve para cobrir casas. Mas fica mais feia... A jarineira também serve para o seringueiro fazer idéia para matar a onça* (p.21). O mesmo ocorre com outros elementos da vegetação, da hidrografia, das crendices... Interessante assinalar, também, a presença do étimo indígena nas diferentes denominações de palmeiras; trata-se de um dos reflexos da presença marcante da cultura indígena na região. Enfim, a valorização do léxico regional é nitidamente perceptível na **Cartilha Poronga**, em toda a sua extensão.

Tal fato se explica por se tratar de um material de alfabetização destinado, exclusivamente, a um grupo que vivencia essa espécie de realidade. Em razão disso, faz-se necessário considerar todos esses elementos a fim de se atingir os objetivos pretendidos. Durante a análise da Cartilha, tivemos a oportunidade de chegar a algumas conclusões preliminares, já que conclusões definitivas implicariam um estudo mais profundo do material e, inclusive, a análise de dados que revelem os resultados da operacionalização do material junto ao grupo de seringueiros. Eis algumas conclusões a que nos foi possível chegar a partir do estudo efetivado.

- A **Cartilha Poronga**, além de objetivos pedagógicos, traz em seu bojo uma proposta política que é justamente a de aliar o aprendizado da leitura e da escrita a um processo de conscientização política do seringueiro.

- A estruturação da Cartilha obedeceu a uma seqüência temática que engloba aspectos de vida cotidiana do seringueiro. É justamente a partir de diferentes situações-problemas vivenciadas pelo grupo que vão emergindo as diferentes atividades de leitura e de escrita. É, na verdade, o político servindo de pano de fundo para o pedagógico.

- As diferentes propostas de leitura e a sistematização das sílabas são baseadas em palavras geradoras extraídas da realidade concreta vivida pelo grupo.

- As propostas de atividades partem sempre de situações próximas ao aluno e oferecem elementos para o aumento gradativo do seu respectivo repertório de informações.

- As diversas propostas de atividades vão além do convencional, uma vez que oferecem condições para o desenvolvimento do raciocínio e para a ampliação do universo lingüístico e cultural do aluno.

- Os diferentes níveis de textos apresentados propiciam ao aluno o convívio com diferentes modelos de produção escrita, o que lhe permite identificar um texto, adequadamente estruturado.

Isto posto, podemos concluir que a *Cartilha Poronga*, não obstante apresente algumas limitações no que se refere aos aspectos lingüísticos, configura-se como um interessante recurso de alfabetização, pois incorpora, na sua estrutura, a realidade vivida pelo homem da floresta – o seringueiro acreano. Além disso, por apresentar uma proposta de alfabetização no seu sentido lato, possui objetivos mais amplos que ultrapassam a simples "leitura de palavras".

NOTAS:

1. Estado situado na Região Norte do Brasil cuja floresta concentra grande quantidade da árvore *Hévea brasiliensis* – a seringueira – da qual é extraído o látex que dá origem à borracha. Já seringueiro designa o indivíduo que se dedica à extração do látex da seringueira e com ele prepara a borracha.

2. *Poronga* é também o nome dado ao conjunto de material didático – orientações ao monitor, cartilha de alfabetização e fichas de matemática – elaborado, na sua versão inicial, pelo CEDOP-AM – Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia (Rio Branco -AC) – com a colaboração do CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação (SP).

3. Embora, na versão de 1991 da Cartilha, as autoras não façam nenhuma referência às idéias desse educador e nem o incluam na bibliografia consultada, percebe-se claramente os princípios básicos do Método de Alfabetização de Paulo Freire refletidos na forma de estruturação do material.

4. O MEB - Movimento de Educação de Base – e o CEDI realizaram, a partir de 1983, uma pesquisa do universo vocabular do ribeirinho amazônico com vistas à elaboração de material didático específico para alfabetização do seringueiro. Esse material, inicialmente destinado ao ribeirinho dos Solimões, foi adaptado para a realidade dos seringueiros do Acre e assim surgiu a PORONGA - EDIÇÃO JURUÁ, uma adaptação do original do mesmo nome.

5. Referimo-nos aqui às condições de vida enfrentadas pelo seringueiro-migrante no seu labor cotidiano. Sendo a maioria dos seringueiros acreanos indivíduos migrantes de outros Estados brasileiros, nomeadamente dos do Nordeste, e, portanto, não ambientados às características do meio, esses trabalhadores caracterizavam-se como homens fortes para conseguirem superar as dificuldades e opressões que enfrentavam, desde a saída da terra natal até a própria instalação no seringal e o contato com a nova realidade de trabalho.

6. Na empresa gumífera amazônica, *seringal* nomeava uma propriedade, fazenda, geralmente à margem de rios, que concentrava quantidade mais ou menos considerável de seringueiras dispostas proximamente entre si. Já *colocação* era a designação dada à divisão de um seringal, parcela da propriedade onde cada seringueiro residia e exercia suas atividades. O número de *colocações* é determinado pela extensão territorial do *seringal* e pela quantidade de área que já estiver explorada.

7. Os monitores são pessoas do próprio seringal, escolhidos pela comunidade, em sua maioria, pessoas nem com o 1º Grau completo que trabalham sem receber nenhum tipo de remuneração. Só a partir de 1991, alguns monitores passaram a ser contratados graças a um convênio celebrado entre o CTA e a FUNTAC/SE do Acre.

BIBLIOGRAFIA

- ELIA, S. *Sociolinguística. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão; Niterói: UFF, 1987.
- HARA, R. & IBAÑEZ, M.G.Z. *Poronga: Cartilha de alfabetização*. 2ª ed. Rio Branco-AC: CTA, 1991.
- HOLANDA, A. B. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MARCELLES, J. B. & GARDIN, B. *Introdução à sociolinguística. A linguagem social*. Lisboa: Editorial Aster, 1975.
- SAPIR, E. *A linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- SCLIAR-CABRAL, L. "Critérios para análise de cartilhas. Uma abordagem psicolinguística". In: KIRST, M. et al. (Org.) *Linguística aplicada ao ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1977.

ANEXO I

PORONGA: CARTILHA DE ALFABETIZAÇÃO
 2ª Edição - 1991
 CTA - CENTRO DE TRABALHADORES DA AMAZÔNIA
 - RIO BRANCO-ACRE-BRASIL

TEMAS E PALAVRAS GERADORAS

TEMAS	PALAVRAS GERADORAS
CHICO MENDES	LUTA
MUNDO DA NATUREZA	MATA PACA
COMUNIDADE	MORADA JIRAU JARINA REDE SAÚDE TOSSE FORRÓ ESCOLA
TRABALHO	BARRACÃO ROÇADO CRIAÇÃO BORRACHA CASTANHA
ORGANIZAÇÃO E LUTA	SINDICATO EMPATE COOPERATIVA RESERVA EXTRATIVISTA
PROJETO DE VIDA	SERINGUEIRO
CONSERVAÇÃO DA MATA	AMAZÔNIA